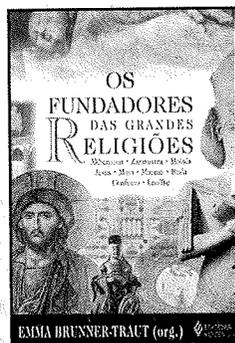
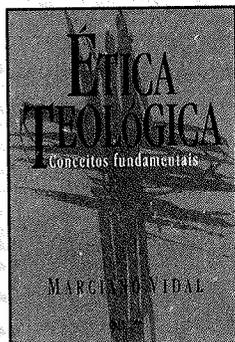


# A Editora Vozes apresenta seus últimos lançamentos na área religiosa. Confira nossas sugestões!

**ÉTICA TEOLÓGICA**  
Conceitos fundamentais  
Marciano Vidal (org.)

Reflexão que aparece nos 44 capítulos da presente obra dialoga constantemente com a cultura atual e com os avanços científicos do presente. Trata-se dos fundamentos da ética teológica. Os autores são quase todos espanhóis e professores universitários. No final do livro existe uma nota biográfica de cada um.

Páginas: 836



**OS FUNDADORES DAS GRANDES RELIGIÕES**  
Emma Brunner-Traut (org.)

Neste livro, peritos da mais alta qualificação debruçam-se sobre a história de nove fundadores de religiões, indagando a respeito da sua personalidade, vocação, condições de vida e seus ensinamentos.

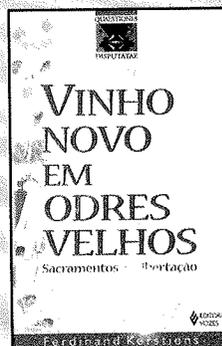
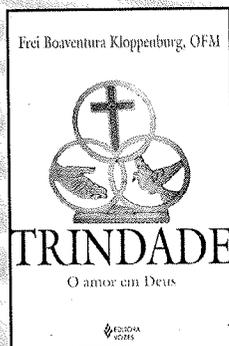
Akhenaton, Moisés, Zaratustra, Jesus de Nazaré, Mani, Maomé, Buda, Confúcio, Lao-Tse. Esta publicação é de grande importância para o ensino religioso, de acordo com as novas normas.

• Páginas: 248

**TRINDADE**  
O amor em Deus  
Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

Ante mais de vinte anos de experiência, Boaventura, doutor em teologia, ensinou o tratado sobre a santíssima Trindade em São Paulo. Está, pois, preparado para oferecer agora, para as comemorações do ano dois mil, este pequeno tratado. Ele teve a preocupação de ser simples e ao mesmo tempo ortodoxamente fiel à complicada terminologia e doutrina teológica.

Páginas: 180



**VINHO NOVO EM ODRES VELHOS**  
Sacramentos da Libertação  
Ferdinand Kerstiens

O autor expõe pontos de vista e compreensões da vivência sacramental algumas vezes conflitantes com o status quo eclesial, mas que continuamente voltam à discussão. Considera dimensões que sempre

estiveram presentes, mas que o discurso oficial se esforça em desconsiderar. Pois num mundo exigente é preciso sacramentos com expressão renovada, capazes de transformar não só o mundo, mas principalmente a Igreja. Mais um título da coleção *Quaestiones Disputatae*.

**ENCONTROS**  
Teológicos

O artigo focaliza a *Fides et Ratio*, a mais recente encíclica de João Paulo II, examinando-a “na perspectiva da ciência”. O autor propõe “uma reflexão sobre a resposta da Razão à proposta da Fé, não na perspectiva do púlpito mas na da cátedra, ou melhor, na perspectiva da ciência e não do dogma, tentando demonstrar que, com o avanço da cosmologia e da mecânica quântica, a ciência chegou no limiar da transcendência e, se não acolher o mistério, correrá o risco de mergulhar no absurdo”.

## “Fides et Ratio” na perspectiva da ciência

Paulo Leonardo Medeiros Vieira

Advogado e professor aposentado do Departamento de Direito Público e Ciência Política da UFSC.

Artigos

**N**o dia 15 de outubro de 1998, véspera do vigésimo aniversário do pontificado de João Paulo II, o Vaticano divulgou sua décima-terceira encíclica, denominada **FIDES ET RATIO**, cujo texto foi preparado ao longo de doze anos e poderá ser a última do milênio.

A divulgação do documento, que propõe o tema da relação entre fé e razão, foi entregue ao cardeal Joseph Ratzinger e ao teólogo da Casa Pontifícia Georges Cottier, com o registro de que é dada à lume cento e vinte anos após a encíclica **AETERNI PATRIS**, de Leão XIII, que tratava da mesma questão.

Em síntese, a Igreja busca a reconciliação da fé e da razão, que na bela alegoria com que o Sumo Pontífice inicia a encíclica, "constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade". O divórcio de ambas pode, ao contrário, levá-las a se eliminarem mutuamente.

O Santo Padre lembra que, privada da razão, a fé corre o risco de reduzir-se a um mito ou superstição, enquanto a razão privada da fé pode tornar-se uma ameaça. A encíclica, portanto, opõe-se a qualquer forma de fideísmo, que rejeita o apoio da razão, como se opõe ao racionalismo, que só aceita o que a razão pode demonstrar.

A iniciativa traduz um gesto de boa vontade da Igreja na busca da desejada aliança. Não deixa de ser corajosa, porque "(...) parece que os sáberes oriundos da ciência se opõem cada vez mais à ordem profunda das certezas inscritas no sagrado: Deus e a ciência parecem pertencer a mundos tão diferentes um do outro, que ninguém pensaria em correr o risco de aproximá-los"<sup>1</sup>. Mas essa afirmação felizmente não antecipa a resposta da ciência à proposta da fé; a convergência já fora anunciada por Bergson, Teilhard de Chardin, Louis de Broglie e muitos outros<sup>2</sup>. O papa critica os filósofos e o homem contemporâneo que em geral contentam-se com verdades parciais e provisórias, relegando para segundo plano a paixão pela verdade última.

Mas é prematuro avaliar a repercussão desse documento pontifício e os frutos que irá produzir. De todo modo, não se espere nenhum efeito mágico, nem a adesão maciça e imediata dos filósofos e dos cientistas, até

porque as dissensões não são de hoje nem pequenas.

EDUARDO GIANNETTI, da USP, diz que o papa reclama um saber capaz de fornecer respostas definitivas para as perguntas radicais do sentido e dos valores últimos da nossa existência e ironiza a Igreja Católica porque "tendo linha direta com o Ser divino na pessoa do sumo pontífice, e gozando ainda de acesso privilegiado à 'verdade revelada', jamais precisará se contentar com 'verdades parciais e provisórias' de quem se sabe falível e submete suas idéias à apreciação pública e racional dos demais"<sup>3</sup>.

O conflito não é novo, e o próprio papa o refere especialmente ao longo do capítulo IV da encíclica, remontando aos primórdios do cristianismo a partir da discussão de São Paulo com "alguns filósofos epicuristas e estóicos" e ao mencionar uma "análise exegética do discurso no Areópago" (*Fides et Ratio*, n. 36), acrescentando mais adiante que, "o encontro do cristianismo com a filosofia não foi fácil nem imediato (id. n. 38)

O Santo Padre poderia, se quisesse, mencionar também a crise que se instaurou no pensamento cristão do século XIII, quando São Tomás de Aquino, ao realizar a síntese teológica de sua época, adotou a filosofia de Aristóteles, que afinal era um pagão, e cuja obra fora introduzida no Ocidente pelos árabes infiéis. A nova filosofia suscitava uma nova visão do mundo, e uma nova teologia, até então alimentada na perspectiva de Platão. Sua ousadia, que iluminou o sistema filosófico de Aristóteles com a luz da Revelação, entusiasmou alguns, mas a outros escandalizou, a ponto de fazer com que a doutrina tomista fosse atingida por condenações oficiais<sup>4</sup>.

Felizmente já se pode identificar uma mudança benfazeja, não apenas da parte da Igreja, que pediu perdão e se abriu ao diálogo, como da parte da ciência, que avançou quase até aos seus limites, e se encontra hoje na fronteira entre o **mistério** e o **absurdo**.

O que pretendo neste artigo é propor uma reflexão sobre a resposta da Razão à proposta da Fé, não na perspectiva do púlpito mas da cátedra, ou melhor, na perspectiva da ciência e não do dogma, intentando demonstrar que com o avanço da cosmologia e da mecânica quântica a ciência chegou no limiar da transcendência, e se não acolher o **mistério** correrá o risco de mergulhar no **absurdo**.

JEAN GUITTON - o último grande pensador cristão, recentemente falecido - num longo e magnífico colóquio que teve com os irmãos Igor e Grichka BOGDANOV, dois eminentes doutores em Física Teórica - assevera

que há em curso uma convergência entre os saberes físicos e o conhecimento teológico, entre a ciência e o mistério supremo<sup>5</sup>.

Não será exagero afirmar que a filosofia e a ciência se surpreenderam neste por-de-sol do segundo milênio fazendo as mesmas perguntas e buscando resposta para as mesmas indagações essenciais do espírito humano.

Por outro lado, é natural que a maioria dos que se interessam pelos documentos pontifícios sejam pessoas da Igreja, cujo ponto de partida tem a fé por pressuposto e cujo magistério tem por matéria-prima o Verbo, a Revelação e o Reino. Este artigo quer percorrer outro caminho, partindo da ciência e não da fé, e pela ciência chegar à Onipotência. É o próprio papa quem afirma serem muitas as vias para chegar à verdade e **"se o acesso à verdade é um bem que permite chegar a Deus, todos devem estar em condições de poder percorrer esta estrada"** (*Fides et Ratio*, n. 38)

Ao optar por esta via, penso menos naqueles que crêem com a fé de um camponês bretão, - do conhecido diálogo de PASTEUR - do que no homem desafiado pelo mesmo chamado de Abraão - *"Levanta-te e vai para uma terra que eu te indicarei"* - mas vacila em romper as amarras, demitir-se de suas certezas e partir ancorado apenas na Promessa. Os primeiros não precisam e certamente nem saberiam dar, a quem lhes pedisse, as razões da sua fé; crêem como respiram e nem a fé nem a respiração suscita neles qualquer questionamento. Estes, contudo, ainda tateiam como que às apalpadelas buscando o dia em que possam repetir com André FROSSARD: "Deus existe, eu o encontrei", ou seguir as pegadas de Paulo de Tarso na estrada de Damasco; de Agostinho de Hipona nos desafios da Retórica e da Filosofia. Há, também, os que perseguem as pegadas de Bernanos, Graham Green e Dostoiewsky; ou de Alex Carrel, Nobel de Medicina, tocado pelo milagre que, como cientista, teve de atestar em Lourdes... Entre nós também poderiam ser lembrados muitos que algum dia, depois de dolorosa busca, puderam exclamar: *"Eu creio, Senhor, mas aumenta a minha fé"* (Mc 9,27). Não são poucos os que têm, a seu modo, arrostado como Gabriel Marcel, "a batalha do **pronome** contra o **Verbo**" e também como ele só a levaram de vencida depois que o pronome capitulou diante do Verbo.

"As vias continuam sendo muitas", e escolhemos esta para percorrer os novos caminhos da ciência, que também apontam para a Revelação e podem ajudar o homem moderno em sua busca.

Após uma breve referência às causas do distanciamento entre os

dois polos em questão, intentarei sintetizar os novos caminhos que a filosofia e a ciência nos propõem: o do **metarrealismo** de GUITTON e o da **hiperfísica** de TEILHARD DE CHARDIN.

Para os fins deste artigo, essas duas teorias querem fazer as vezes da **asa da razão** na bela metáfora com que João Paulo II inicia a encíclica, e tem, como a asa da fé, o mesmo peso e a mesma medida, porque são ambas mutuamente necessárias ao vôo, **"visto que a verdade que nos vem da Revelação tem de ser, simultaneamente, compreendida pela luz da razão"** (*Fides et Ratio*, n. 35). De fato, como lembra o padre Tarcísio MARCHIORI, **"a religião cristã não é uma religião filosófica, não foi elaborada pela razão. Provém da Revelação divina. Mas a fé é um ato da inteligência e a inteligência não creria se não visse que há razões para crer"**<sup>6</sup>.

De modo que se pode divisar uma linha de convergência entre a fé e a razão. O longo divórcio entre ambas teve como causa, de um lado, um certo fundamentalismo bíblico, que anatematizou, como heréticas, as teorias evolucionistas, - e de outro, o Racionalismo, que decretou a morte de Deus e, por via de um antropocentrismo ateu, colocou o homem, arrogante e presunçoso, no centro da vida e do Universo. Talvez se deva creditar especialmente a Pio XII o fim do **fundamentalismo oficial** com a publicação de sua notável encíclica **Divino Afflante Spiritu**, de 1943, e mais tarde, ao fato de reconhecer, em 1950, a autonomia das ciências naturais em suas investigações, apesar de haver reafirmado como posição oficial da Igreja o unigenismo da origem, e com isto preservado a doutrina do pecado original, sintetizada na afirmação de Paulo: *"Por um só homem entrou o pecado no mundo"*... (Rm 5,12) De todo modo, foi um notável avanço, sobretudo porque Pio XII não incluiu o evolucionismo entre os "erros modernos" ao lado do existencialismo e do materialismo dialético, como muitos preconizavam e queriam.

Cinquenta anos depois, o filósofo do **metarrealismo** proclama que estamos no limiar de uma revolução do pensamento, **"de uma ruptura epistemológica não experimentada pela filosofia desde vários séculos"**<sup>7</sup>.

Percorrendo o caminho aberto pela teoria quântica, JEAN GUITTON - Consultor no Vaticano II e interlocutor de Paulo VI ao longo do seu pontificado - vê emergir uma nova representação do mundo, uma nova concepção que está aquém do espiritualismo, porém para muito além do materialismo.

Já não podemos repetir que o real é uma idéia pura e que não tem, no

sentido estrito, qualquer substrato material, ou que "só podemos ter como garantida a existência de nossos pensamentos e de nossas percepções"; nem que o espírito não passa de um epifenômeno da matéria, fora da qual nada existe, conforme Marx. A novidade é esta: nem o idealismo, nem o realismo. O "novo pensamento" apóia-se nessas duas correntes, é verdade, mas para superá-las e delas fazer a síntese.

Referida ruptura epistemológica apaga as fronteiras entre espírito e matéria, e por isso o corifeu da nova escola batizou-a de **metarrealismo**. Ele explica que a emergência desse novo ponto de vista filosófico fora pressentida por Michel Foucault, que descreveu as variações dos modos de pensamento desde o Renascimento aos nossos dias, destacando dois grandes momentos na História. Antes, o pensamento era **analógico** porque se ocupava essencialmente em estabelecer relações entre fenômenos. Do século XVII para cá, ganhou uma dimensão nova para apreender os fenômenos no que eles têm de quantificável. Foi o reinado do pensamento lógico. Mas esse reinado também chegou ao fim. O avanço da ciência, "sem a colaboração dos filósofos" - diz o filósofo! - suscitou uma nova e revolucionária visão do Universo, e o pensamento, também revolucionário, dito **metarrealista**, se situa para além da lógica clássica, que por seu turno vai dando lugar a um modo de pensamento **metalógico**.

Qual o sentido verdadeiro e profundo deste avanço? É que enquanto o pensamento lógico se limita à análise sistemática dos fenômenos desconhecidos, mas **cognoscíveis**, o pensamento **metalógico** ultrapassa a última fronteira que o separa do **incognoscível**. Situa-se além das linguagens, além mesmo das categorias do entendimento e, sem nada perder do seu rigor, **"toca o mistério e se esforça por descrevê-lo"**.

O pensamento metalógico demonstra existirem limites físicos ao conhecimento. Apóia-se na física quântica e através dela identifica fronteiras que não podem ser ultrapassadas e que cercam a realidade. O filósofo foi abeberar-se na Física Teórica, especialmente na Teoria Quântica, que aponta entre as barreiras intransponíveis do conhecimento a "constante de Planck", assim denominada em homenagem ao físico alemão MAX PLANCK (1858-1947), que determinou a medida da menor quantidade de energia existente no mundo físico.

A "constante de Planck" marca o limite da divisibilidade, o infinitamente pequeno, o limite do microcosmo. A partir daí, a teoria quântica chegou também à menor unidade de tempo a que a ciência pôde chegar, e que Igor Bogdanov diz ser o fim de nossa viagem às origens, a alguns

bilionésimos de segundo da explosão inicial, e, por fim, ao menor intervalo possível entre dois objetos aparentemente separados. Esses limites - de divisibilidade, de tempo e de comprimento - colocam o homem diante do "infinitamente pequeno" e do "infinitamente grande", - do átomo e das estrelas, do microcosmo e do macrocosmo - e levam a nova física a uma verdadeira intuição metafísica, de que falaremos adiante.

Mas não é só. Ao lado desse estupendo avanço no campo da ciência, a física desenvolveu também a chamada teoria do caos e chegou à extraordinária comprovação de que há no próprio caos uma ordem surpreendente e profunda. Como, pois, explicar que num Universo submetido à lei da entropia, que o condena à desagregação, haja em toda a matéria e no próprio âmage do caos algo como a lei da sintropia, que é, ao contrário daquela, um princípio de ordem e permanência?

A cosmologia já constatará que o caos da origem se transformou em cosmo. Os teólogos, inspirados no livro do Gênesis, repetem desde há muito, que *o Espírito de Deus pairava sobre as águas* (Gn 1,2), e transformou o caos em cosmo. É uma afirmação da fé. Mas como buscar na ciência, e na própria matéria, a explicação dessa atuação **metafísica**?

O filósofo responde: "Tanto a teoria quântica como a cosmologia fazem avançar para uma distância cada vez maior os limites do saber, até roçar o mais fundamental enigma que desafia o espírito humano: a existência de um Ser transcendente, ao mesmo tempo causa e significação do grande Universo" <sup>8</sup>.

Eis o "grande Universo": centenas de bilhões de estrelas agrupadas em milhões de galáxias, perdidas numa imensidão silenciosa, vazia e gelada. Nasceu de uma gigantesca explosão há quinze bilhões de anos. Foi o início. Antes dele, era o nada, o vazio absoluto, a mais pura, perfeita e inimaginável abstração. A ciência diz que além dessa barreira primordial esconde-se um segredo que jamais poderemos desvendar. John Wheeler, citado por Guitton, apelando, segundo este, para noções de ordem metafísica, afirma que "tudo o que conhecemos encontra sua origem num oceano infinito de energia que tem a aparência do nada" <sup>9</sup>.

Os astrofísicos conseguiram recuar até os primeiros bilionésimos de segundo que se seguiram ao seu nascimento. Nesse momento, lembram os irmãos Bogdanov, o Universo inteiro, com tudo que irá conter mais tarde - as galáxias, os planetas, a Terra, suas árvores, suas flores, está contido numa esfera inimaginavelmente pequena, bilhões de bilhões de vezes menor que



um núcleo atômico”, infinitamente menor que uma cabeça de alfinete <sup>10</sup>.

Mergulhando em outros domínios da ciência, especialmente a geologia e a paleontologia, Teilhard de CHARDIN chega à formulação de um sistema a que denomina de **hiperfísica**, com que intenta também ele encontrar resposta a idênticas indagações. Sua **hiperfísica** é uma construção teórica que procura interpretar as razões de fatos científicos através de uma ultrapassagem da própria ciência. Na visão de críticos abalizados como Barthélemy-Madaule, Romano Rezek e Theodosius Dobzhansky, não é uma metafísica, mas uma admirável síntese de uma visão do mundo que fica além dos dados objetivos da ciência (...) <sup>11</sup>.

O ato da criação se faz por evolução: ou através de uma “criação evolutiva”, na expressão de FREIRE-MAIA... Teilhard de CHARDIN o afirma de maneira irretocável: “O ato criador não se intercala na cadeia das antecedências. Ele se põe sobre o Universo tomado em toda a sua extensão e toda a sua duração” <sup>12</sup>.

Em *O Fenômeno Humano*, sua obra mais relevante, Teilhard sintetiza seu pensamento: “A continuidade do processo evolutivo é marcada por limiares de descontinuidades. É ao nível desses limiares que se opera o processo de transformação criadora” (...).

Ao adaptar, por assim dizer, Darwin ao dogma, Teilhard se afasta do autor de *A Origem das Espécies*, especialmente no que diz respeito ao papel do “acaso”, sustentando que há uma **direção** em todo o movimento evolucionista, que se dá **per ascensum**, de um limiar para outro, e que, desde o princípio, toda Evolução tinha como meta a emergência da vida, e a evolução da vida tinha por fim o surgimento do homem.

Sua teoria afirma que todas as coisas são dotadas de uma “**energia radial**”, que é interna e de natureza “psíquica”, que é responsável pela evolução sempre em direção do mais complexo e mais consciente; energia que acompanha a evolução em todos os seus limiares porque não está sujeita à segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia; - energia que, ao contrário, é antientrópica, que evolui sempre em busca de novos limiares, mais complexos e mais conscientes, ao passo que a “energia tangencial”, que é externa à matéria, e de que se ocupam a física e a química, é entrópica, atua **per descensum** como a matéria em geral, e tende à desagregação.

Ora, a atuação da segunda lei da termodinâmica apenas nos recorda a condenação que pesa contra todas as coisas criadas, lembrando-nos que,



como nós, são efêmeras, não foram feitas para durar sempre. Por mais longa que seja sua existência, estão fadadas, um dia, ao ocaso e à finitude, como as plantas, que nascem, crescem, florescem, frutificam, fenecem e morrem.

Haag-Haas HÜRZELER, citado por Boff, afirma que o dinamismo da matéria e do espírito, embora entre si dialéticos e em permanente tensão, impulsionam a busca de uma permanente ascensão” <sup>13</sup>.

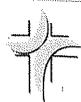
Contudo, o que desafia a ciência é justamente a **sintropia**, a energia **radial**, **antientrópica**, que evolui permanentemente em direção do mais complexo e consciente. O que será, pois, dessa energia, quando se apagar a última estrela e a Criação retornar ao nada da origem? A **energia tangencial** desaparecerá porque é finita como a matéria a que está adstrita, e como ela condenada ao **nada**, ao fim, à decomposição própria da sua natureza. Em sua destinação, o acessório acompanha o principal.

Mas a **energia radial**, que não integra fisicamente a matéria, esta há de ter destino que vai além do destino de todas as coisas, porque infensa à lei da entropia. Contra ela não há nenhuma condenação necessária do ponto de vista da física e da química, ou de qualquer lei a que a matéria esteja submetida.

A energia radial, “psíquica”, interior à matéria, é a energia que responde pelos bilhões de informações que presidem à ordem do Universo desde a criação. Essa energia é que guarda a memória das leis impostas aos elementos desde as origens. Sem ela, o Universo teria nascido e desaparecido na mesma explosão, ou sobrevivido na mais completa desordem, no mais tenebroso caos, ou, no dizer de Guittou, numa dança desordenada de átomos que iriam acoplar-se e desacoplar-se no momento seguinte para recair incessantemente em turbilhões insanos <sup>14</sup>.

Portanto, essa energia, porque não está sujeita à lei da entropia, não está fadada à decomposição e à morte. Ao contrário, avança com o tempo e vai acumulando mais e mais informações, até que, quando o Universo desaparecer, essas informações de bilhões e bilhões de anos permanecerão para além do tempo e do espaço que se foram. E aí, chegados ao limite do conhecimento humano, roçamos “o mais fundamental enigma que desafia o espírito humano: a existência de um Ser transcendente, ao mesmo tempo causa e significação do grande Universo”, a quem chamamos Deus, Deus Abscôndito, o Infinitamente Outro, Ele, sim, causa e significação do grande Universo.

Para Chardin, a evolução não é apenas um princípio, uma doutrina ou



uma teoria, mas um padrão necessário do pensamento humano, é condição da própria existência do Universo. Para ele, a evolução se dá a partir da cosmogênese (nascimento do Universo) em direção à geogênese (nascimento da Terra), à biogênese (o surgimento da vida), à antropogênese (o aparecimento do homem), à noogênese (o surgimento da consciência), que leva o homem a identificar-se com Deus e caminha para a Cristogênese, quando todas as coisas serão instauradas em Cristo, conforme à visão inspirada de São Paulo.

A história do mundo na perspectiva de Chardin é, pois, um trânsito da esfera geológica para a esfera biológica e desta para a esfera antropológica, em direção de maior complexidade, maior unidade e maior consciência. Mas tal processo - diz ele - (...) tornar-se-ia incompreensível para a nossa inteligência e insatisfatório para o nosso coração, se finalmente não conduzisse a um Deus pessoal, centro da convergência e perfeição das pessoas. Para Teilhard, Deus é o postulado de toda a Evolução<sup>15</sup>.

Do conjunto de sua obra transparece, pois, a firme crença de que o Universo, em seu processo evolutivo, marcha, numa convergência geral, para um ponto ao mesmo tempo transcendente e imanente, a que mais tarde chamou de Ponto Ômega da História.

Voltando à **hiperfísica**, o **novo pensamento** leva à crença de que ao cabo do processo evolutivo, no momento supremo da convergência final, a energia acumulada dos milênios, - isto é, energia que significa informação e conhecimento, - será abraçada pela Sabedoria Infinita, que criou a vida para seu deleite e o Universo para nele se espelhar. Sabedoria que o físico John Wheeler mencionou como **o oceano infinito de energia com aparência de nada**, que se encontra na origem da criação. De lá para cá, todo o conhecimento produzido e liberado pelo Universo ao longo de sua evolução vê-se convertido numa Totalidade de conhecimento puro. "Que entidade deterá (então) esse conhecimento, senão um Ser infinito, que transcende o próprio Universo? E que uso fará ele desse saber infinito que o constitui e do qual ele é, ao mesmo tempo, a origem?"<sup>16</sup>

Porque um dia, como prevêem os físicos, uma nova contração reconduzirá o cosmo ao seu ponto de origem, num retorno ao nada, ou ao **oceano infinito com aparência de nada**, depois que as estrelas se apagarem uma a uma, irradiando suas últimas reservas. "O que podemos pensar de um Universo situado entre dois nadas? Essencialmente isto: este Universo não é um ser em si, por isso supõe-se a existência de um Ser diferente dele, situado fora dele, transcendente tanto ao tempo quanto ao espaço"<sup>17</sup>.



Não seria crível, pois, à luz da **metalógica**, que o mundo chegasse ao seu final e a riqueza acumulada pela memória do tempo, que sobreviveria a ele porque situada **fora** dele, fosse um fim em si mesma, eterna e inútil. Por outras palavras, "já que o cosmo nos remete à imagem de uma ordem, esta ordem nos conduz, por sua vez, à existência de uma causa e de um fim que lhe são exteriores, como sustenta Guitton<sup>18</sup>.

Na esteira desse entendimento, hoje a maioria dos físicos, segundo Heinz Pagels, crê e propaga que o Universo é uma mensagem redigida num código secreto, um código cósmico, e que a tarefa do cientista consiste em decifrar este código<sup>19</sup>.

Ou por outra, se de fato o Universo não é um Ser em si, justifica-se crer na existência de um outro Ser, diferente dele, que quis transmitir uma mensagem e escolheu o código que lhe pareceu apropriado. Enfim, um Ser que o criou, e no qual o autor da mensagem renova o conhecimento que tem de si mesmo<sup>20</sup>.

O teórico do **metarrealismo**, identifica nessa teoria um eco perturbador da filosofia de São Tomás de Aquino, que se propôs, em plena Idade Média, conciliar a fé cristã e a filosofia racional de Aristóteles. E atribui sua profunda influência sobre o pensamento contemporâneo **porque ele foi o primeiro que pretendeu postular uma harmonia entre o que se crê e o que se sabe, entre o ato de fé e o ato de saber - em uma palavra: entre Deus e a ciência**.

Eis aí o itinerário aberto pela Física Teórica e por outros domínios da Ciência, confirmando, na ante-sala do Terceiro Milênio, o que o Apóstolo Paulo escrevia à comunidade cristã de Roma, ou seja, que **desde a criação do mundo Deus revela à inteligência humana, através de suas obras, as suas perfeições invisíveis, o seu poder e divindade** (cf. Rm 1,20), enfim, que pelas suas obras, Deus se revela ao Homem. Amém!

## Notas

<sup>1</sup> GUITTON, Jean, BOGDANOV, Grischka, e GOGDANOV, IGOR, *Deus e a Ciência*, Nova Fronteira, 1991, 6ª reimpressão, p.4

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 13

<sup>3</sup> Folha de SP, Ilustrada, 5-11-98, p.7



<sup>4</sup> Cf ARCHANJO, José Luís, *Introd. à obra de Teilhard de Chardin "O Fenômeno Humano"*, p. 4

<sup>5</sup> GUITTON, J. et alii, op. cit. p. 4

<sup>6</sup> MARCHIORI, Tarcísio, *Caminhos da Filosofia*, Ed. do Autor, 1998, p. 50

<sup>7</sup> GUITTON, J., *Deus e a Ciência*, p. 9

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, p. 10

<sup>9</sup> Id., *ibid.*, p. 31

<sup>10</sup> Id., *ibid.*

<sup>11</sup> *Criação e Evolução*, p. 197-198

<sup>12</sup> *Meu Universo e a energia humana*, Loyola, São Paulo, 1980, in *Criação e Evolução*, p. 29

<sup>13</sup> *Evolution und Bibel*, Freiburg, 1966, p. 84, cit. in BOFF, Leonardo, *O destino do Homem e do Mundo*, Vozes, 3ª edição, p. 18

<sup>14</sup> GUITTON, Jean, op.cit., p. 152

<sup>15</sup> MARTINAZZO, Eusébio, *Teilhard de Chardin – Ensaio de leitura crítica*, Vozes, 1968, p. 46

<sup>16</sup> GUITTON, Jean, op. cit., p. 150

<sup>17</sup> Id., *ibid.*, p. 151

<sup>18</sup> Id., *ibid.*, p. 152

<sup>19</sup> Id., *ibid.*, p. 144

**Endereço do Autor:**

Rua Doutor Armínio Tavares, 31 - Apto. 501  
880015-250 Florianópolis SC

**LIVRO DA SABEDORIA**

**Aos Governantes, sobre a Justiça**

Ney Brasil Pereira

Comentário Bíblico, Vozes/Sinodal, 1999

*Lauro Junkes*

Crítico Literário, doutor em Teoria da Literatura e professor titular da UFSC.